



Rumo a um modelo transdisciplinar da saúde

por Denyse de Villermay

Tradução: Marly Segreto

Há quarenta anos atrás, a geração de enfermeiras, da qual faço parte, recebia um diploma de Enfermeira Polivalente. Há muito tempo, este último termo desapareceu do vocabulário da enfermagem, o que considero lamentável. Hoje, quando vamos falar de uma visão transdisciplinar dos cuidados na enfermagem, sublinhemos, de passagem, que polivalente era a enfermeira e não a sua disciplina. Polivalente significa o que tem várias funções. Esse aspecto poli-funcional, inscrito na formação para o Diploma da Profissão de Enfermagem, parecia-me bem conveniente, pois ele exprimia a capacidade potencial ou implicada, conferida à enfermeira, para integrar-se e adaptar-se harmoniosamente às novas funções ou às novas atividades no quadro de sua prática de cuidados. Ele compreendia também, a necessidade de uma adaptação constante da pessoa que cuida, do seu ajustamento permanente às evoluções e mudanças que não param de surgir em sua paisagem profissional, permanecendo fiel à sua própria ética do cuidar. Aparentemente, a prática mudou muito em 40 anos, se tomarmos como única referência a paisagem do ambiente técnico dos tratamentos. O que é certo é que a pessoa que cuida é, mais do que nunca, polivalente.

Atualmente, os cuidados são objeto de uma disciplina universitária, cada vez mais responsabilidade é confiada aos cuidados da enfermagem, e isso em todos os níveis da hierarquia profissional. Hoje, a pluridisciplinaridade, a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade nos convidam para uma associação dos conhecimentos de diferentes disciplinas em torno de um projeto comum: a qualidade dos cuidados. Nós separamos, por longo tempo, o campo da prática de cuidados em práticas hospitalares e extra-hospitalares, e o objetivo atual não é mais separar, mas unificar as disciplinas que gravitam em torno do paciente, a fim de reunificar o humano em sua relação multidimensional com o ambiente biológico, psicológico e também cultural e espiritual. Essa polivalência da pessoa que cuida já se constituindo num cuidado transdisciplinar de modo, se ousar assim dizer, natural!

Foi, portanto, uma excelente idéia convidar Basarab Nicolescu, Físico e pesquisador do CNRS, para vir nos falar de Transdisciplinaridade. Fundador do CIRET - Centre International de Recherche Transdisciplinaire, ele publicou em 1996, O Manifesto da Transdisciplinaridade . Neste livro, ele apresenta as facetas de uma abordagem transdisciplinar, tanto como muralhas contra os desvios ou tentações dogmáticas e ideológicas, mas também, e sobretudo, como uma nova abertura rumo a uma visão holística, oferecendo uma série de pontes entre Ciência e Conhecimento, entre Ciência e Cultura e entre Ciência e Tradição.

Por ocasião de um Colóquio sobre Humanismo, no Centre Universitaire Mediterranéen de Nice, Basarab Nicolescu evocou uma imagem simples para se fazer compreender: "Representemos um campo de conhecimento das ciências exatas por uma esfera, o da física, por exemplo, o interior dessa esfera representa o conhecido, é o volume. Ao passo que a superfície representa o campo do desconhecido. Com o tempo e com os novos acréscimos de conhecimentos, a esfera torna-se mais grossa e o seu volume aumenta.

Paradoxalmente, sua superfície também aumenta, pois o desconhecido aumenta com o tempo. Podemos dizer, nesta imagem, que o desconhecido aumenta de modo menos rápido que o conhecido. Deste modo, podemos representar todos os outros campos do conhecimento: ciências humanas, poesia, arte, religião, etc. A questão é: qual é a natureza do espaço entre todas as esferas?". E sua resposta foi: "É nesse espaço transdisciplinar que vamos reencontrar o Homem; Trans significando "além e através". A atitude científica que predomina atualmente é fundada sobre o postulado de que entre as disciplinas não haveria nada. Haveria, então, tantas realidades quanto conhecimentos fragmentários dessas esferas e, conseqüentemente, nenhuma compreensão do mundo que levasse em conta esse espaço que atravessa todas as disciplinas e as ultrapassa. Um espaço aberto de liberdade e de compreensão".

Duas verdadeiras revoluções atravessaram este século, diz ele: a revolução quântica e a revolução informática. A revolução quântica pode ainda abrir nossa visão de mundo; visão essa que a revolução informática está mudando, porém não num espírito de partilha dos conhecimentos entre todos os humanos, do que ela talvez pudesse vir a ser a artífice. Basarab Nicolescu não pôde vir, e é evidente que eu não sou uma especialista em física quântica, no entanto, a transdisciplinaridade, que se dirige a cada um de nós, emprestou da física quântica a maioria de seus conceitos e de seus símbolos fundadores. Nós os abordaremos com simplicidade e nos valendo dos trabalhos de Basarab Nicolescu e de outros membros do CIRET.

Para lhes passar o gosto, o perfume desse mundo quântico do infinitamente pequeno, eu não encontrei nada melhor que a evocação desse conto misterioso que encontramos na introdução de livro *Nous, la particule et le monde*, de B. Nicolescu. "Em seu célebre conto filosófico *A Conferência dos pássaros*, Attar - poeta persa do século XII - descreve-nos a longa viagem dos pássaros em busca de seu "verdadeiro rei", o Simorg. Os pássaros atravessam sete vales, cheios de perigos e de maravilhas. O sexto vale é o do "espanto". Lá é dia e noite ao mesmo tempo, vê-se e não se vê, existe-se e não se existe, as coisas são ao mesmo tempo vazias e plenas. Se o viajante agarra-se, custe o que custar, aos seus hábitos, ao que ele já conhece, ele fica sujeito ao desencorajamento e ao desespero - o mundo lhe parece absurdo, incoerente, insensato. Mas, se ele aceita abrir-se para esse mundo desconhecido, esse mundo novo lhe aparece em toda sua harmonia e sua coerência". As mesmas considerações aplicam-se perfeitamente aos que tentam empreender a viagem ao mundo quântico.

As fontes quânticas da abordagem transdisciplinar

A revolução da descontinuidade

Aquele que descobre, que inova, que desdobra o seu imaginário em toda liberdade e em toda inocência, produz medo e é sempre rejeitado por seus pares, difamado pelos falsos sábios e falsos filósofos.

Isaac Newton descobre que dois corpos atraem-se proporcionalmente à sua massa e de modo inversamente proporcional ao quadrado de sua distância. É a força gravitacional. A teoria da gravitação foi, em sua época, rudemente atacada por Leibnitz, que censurou Newton por ter introduzido "qualidades ocultas" pelo viés da atração universal; o que representava na época uma acusação muito grave. Como aceitar que duas massas pudessem atrair-se à distância? Se Newton, como matemático, foi respeitado, como alquimista perturbou; um século mais cedo e ele estaria arriscado à fogueira. Voltaire, para defendê-lo, dirá "que ele se divertiu com as profecias e com a transmutação dos metais". Mas Newton, que havia lido os Antigos, considerava a sua própria teoria da Gravitação como uma simples redescoberta.

Uma idéia inusitada atravessa o cérebro de Planck!

Ele mesmo escreve: "Após algumas semanas, que foram certamente preenchidas pelo trabalho mais encarniçado de minha vida, um relâmpago se fez na obscuridade em que me debatia e perspectivas insuspeitadas abriram-se para mim". Esse "relâmpago na

obscuridade" lhe traz um conceito: o quantum elementar de ação. Ele o nomeia quanta: quantidade física correspondente a uma energia multiplicada por um tempo. É esse quanta que vai revolucionar toda a física e mudar em profundidade nossa visão de mundo.

O quantum de Planck introduz uma estrutura descontínua da energia. Planck estava plenamente consciente de que, abalando o antigo conceito todo poderoso de continuidade, as próprias bases do realismo clássico seriam postas em questão; ele mesmo escreve: "... esse quantum representava... algo de absolutamente novo, de insuspeitado até então, e que parecia destinado a revolucionar um pensamento físico baseado na continuidade".

A "descontinuidade", na acepção quântica, é uma descontinuidade pura e dura, que não tem nada de comum com o que essa palavra quer dizer na linguagem familiar, no sentido de uma linha descontínua, de uma bifurcação de um caminho. Para podermos apreender a estranheza da idéia de descontinuidade quântica, escreve B. Nicolescu, será necessário imaginar um pássaro que salta de um galho de uma árvore para o outro, sem passar por nenhum ponto intermediário, como se o pássaro se materializasse repentinamente sobre um galho e, depois, sobre um outro. Somente a matemática pode ajudar a compreender esse tipo de situação!

Como a descontinuidade protege dos erros do pensamento linear

A descontinuidade permite a existência da unidade na diversidade e da diversidade através da unidade.

A descontinuidade permite a evolução e a involução.

A descontinuidade permite a coexistência da causalidade global e da causalidade local.

A descontinuidade assegura a dignidade do homem e dá um sentido à sua vida; ela permite a escolha, o livre arbítrio, a interação com a Unidade, com o Todo do Universo.

Para Einstein, a concepção do espaço tridimensional newtoniano não é mais suficiente; o movimento das massas decide a geometria do espaço e do tempo. Do nível planetário passamos para o nível cósmico. Assim, com essa nova visão, começamos a entrever como as leis da descoberta do mundo quântico podem ser radicalmente diferentes das do mundo macrofísico.

A física clássica reconhecia dois gêneros de objetos bem distintos: os corpúsculos e as ondas. Os corpúsculos clássicos são entidades discretas, bem localizadas no espaço e caracterizadas, do ponto de vista dinâmico, por sua energia e sua quantidade de movimento. Poderíamos facilmente visualizar as partículas como bolinhas deslocando-se de uma maneira contínua no espaço e no tempo, e descrevendo uma trajetória bem precisa.

Quanto às ondas, elas eram concebidas como ocupando todo o espaço de uma maneira contínua. Um fenômeno ondulatório é descrito como uma superposição de ondas periódicas, caracterizadas por um período espacial (comprimento da onda) e por um período temporal. De modo equivalente, uma onda pode ser caracterizada por frequências: uma "frequência de vibração" (o inverso do período temporal) e um "número de ondas" (o inverso do comprimento de onda). A mecânica quântica leva a uma perturbação total dessa representação: as partículas quânticas são, ao mesmo tempo, partícula e onda. Suas características dinâmicas são ligadas através das fórmulas de Einstein-Planck (1900-1905) e de Broglie (1924). Estas duas fórmulas demonstram que a energia é proporcional à frequência temporal (Einstein-Planck) e que a quantidade de movimento é proporcional ao número de ondas (de Broglie). Quanto ao fator de proporcionalidade, ele é, nos dois casos, o quantum elementar de ação de Planck.

Esta representação de uma partícula quântica desafia toda forma no espaço e no tempo, pois é impossível representar-se mentalmente alguma coisa que seria, ao mesmo tempo, corpúsculo e onda. Os conceitos de continuidade e de descontinuidade encontram-se, então, reunidos por natureza. Cada novo ser é uma identidade nova descontínua e, ao mesmo tempo, ele surge numa continuidade genética. E pode-se ver que, na vida, o aleatório manifesta-se em todos os momentos da existência. Qual é o seu lugar nessa "redução do pacote de ondas" que orienta o campo dos possíveis rumo a um

acontecimento ou a outro? A resposta foi pedida a Michel Randon: " A idéia fisiológica de toda coisa somente existe pela coerência das energias, que religa todas as coisas; porém, o que é surpreendente no universo é que não se encontra jamais o caos real, mas sempre um sentido em toda coisa. O universo das energias é uma potencialidade que responde a todo olhar e a toda questão, porque o olhar é uma energia, assim como o é a questão que interroga. A questão é capaz de restringir o determinismo do aleatório, e é claro que, se for acrescentada a causalidade, não se diminuirá o aleatório, mas se aumentará a causalidade. Se a questão for utilizada como uma alavanca da consciência que se manifesta, a resposta se afirma e a causalidade é restringida".

O que fazemos, enquanto pessoas que cuidam, pode ser compreendido como uma participação com o paciente na redução de uma causalidade. Podemos considerar o sintoma, o acidente, a doença, o afeto... do mesmo modo como consideramos o caos ou as rupturas de continuidade. Toda interpretação afetiva e todo julgamento de valor apagam-se nesse quadro. O olhar sobre o cuidado é mais claro, mais centrado sobre o ser que cuidamos do que sobre as causalidades múltiplas que puderam, ou não, levá-lo a essa situação. Seria igualmente necessário admitir que o retorno à saúde deveria ser visto também como uma outra possibilidade de ruptura de continuidade.

Podemos considerar o caos como um Todo lúdico, pois há humor no universo. A resposta nunca está onde a procuramos e, freqüentemente, ela mora num ponto ínfimo, tão próximo que não a podemos ver e nem conceber, mas que induz a falsas respostas para esconder a resposta noutro lugar. O que chama o homem de volta para a humildade, ao ir criando bolhas de falsas certezas, de hábitos, de falsos saberes, dos quais não se pode sair. Não escapamos de nossa identidade, do que somos. O que nos resta é olhar o real, que oferece o espetáculo extraordinário do vivo e do cosmos. Podemos ver estrelas distantes a milhares de anos luz e que não existem mais, e passar ao largo de uma verdade luminosa que nos salta aos olhos.

É preciso tomar consciência do fato de que a partícula quântica é uma entidade completamente nova, irredutível às representações clássicas: a partícula quântica não é uma simples justaposição de um corpúsculo e de uma onda. A partícula quântica pode ser compreendida como uma unidade de contraditórios; mas os físicos acham mais justo dizer que uma partícula não é nem corpúsculo e nem onda. A unidade dos contraditórios é mais do que a simples soma de seus componentes clássicos.

A descoberta do mundo quântico fez com que se atribuísse um valor científico à noção de "grau de materialidade" e que se associasse a sutileza da matéria à freqüência das vibrações; desse modo, a expressão "densidade de vibrações" corresponde à de "freqüência de vibrações" e seu sentido é oposto ao de "densidade de matéria". A matéria mais sutil corresponderia, conseqüentemente, à maior "densidade de vibrações". Dois níveis de realidade diferentes governados por leis diferentes. "A existência de diferentes graus de materialidade permitiu considerar a possibilidade de várias matérias" - diz B. Nicolescu - e a física quântica reencontra ou revela um materialismo numa forma de alquimia interior do homem.

Entremos nesse mundo do infinitamente pequeno: um retorno à Natureza

O estudo do mundo e o estudo do homem são indissociáveis, simplesmente porque o humano faz parte deste mundo. É observando isso que ele descobre sua própria relação de alteridade com este mundo. Seu olhar sobre toda a natureza modifica-se quando ele fica ciente, cada vez mais, de sua simbiose com ela. No entanto, a visão da natureza como objeto conhecido, decifrável, a serviço do homem e de seus caprichos, nos levou a um impasse. A própria palavra natureza desapareceu do vocabulário, dando-se preferência a ecologia.

"A Natureza perdeu seu mistério, tornando-se máquina com ou sem Deus relojoeiro, ela se decompôs em peças separadas. Sem a necessidade de um todo coerente e transcendente, a natureza cede lugar à complexidade", diz B. Nicolescu. "Uma complexidade inusitada que invade todos os campos do conhecimento, do infinitamente pequeno ao infinitamente

grande". O que resta da natureza? Ele responde: "E se a natureza não fosse um livro morto à nossa disposição para ser decifrado, mas um livro vivo sendo escrito sem cessar?".

Os níveis de realidade, a lógica do terceiro incluído e a não contradição

Para se compreender este mundo em novos termos, Basarab Nicolescu propõe a noção de nível de realidade e de lógica do terceiro incluído. Ele define a realidade como o que resiste às nossas representações, descrições e imagens. Por nível, ele entende um sistema invariável à ação de certas leis, como por exemplo: os átomos, o mundo atômico, o mundo corpuscular. Desse modo, dois níveis de realidade são diferentes se, ao se passar de um para o outro, há ruptura das leis e ruptura dos conceitos fundamentais.

Nota-se bem a diferença desses níveis de realidade quando se fala do nível microfísico e do nível macrofísico. Entre a física clássica e a física quântica, a ruptura é radical. É por isso que a interpretação dos fenômenos quânticos em linguagem macrofísica leva a paradoxos. Ninguém ainda encontrou uma formulação que permita a passagem de um mundo a outro. E, no entanto, esses dois mundos coexistem, nós somos a prova disso. Somos feitos de vazio e nesse vazio há grânulos de matéria: é o nível atômico. No nível macrofísico, nós apresentamos uma consistência de corpo com uma forma determinada, que persiste graças à velocidade que anima essas partículas no mundo quântico. O fato de que nós partilhemos com as partículas esse duplo aspecto (corpuscular e vibratório), fazendo de nós microcosmos à imagem do cosmos, e de que nós sejamos também matéria e vibração, as grandes tradições já o haviam dito, bem antes de Planck.

O que causou, e ainda causa, o maior escândalo nos neurônios é a "lógica do terceiro incluído". A mecânica quântica trouxe à luz os pares de contraditórios, mas que o são unicamente se quisermos nos ater a todo custo à lógica clássica. Stephane Lupasco propõe uma reestruturação da infinita multiplicidade do real a partir de três termos lógicos. Ele postula a existência de um terceiro tipo dinâmico antagonista, que coexiste com a lógica da homogeneização que governa a matéria física macroscópica e com a da heterogeneização que governa a matéria viva. Esse novo mecanismo dinâmico exige um estado de equilíbrio entre os pólos de uma contradição, numa semi-atualização e semi-potencialização estritamente iguais. Esse estado é chamado por Lupasco de estado T, pela inicial de terceiro incluído. A estrutura binária (homogêneo-heterogêneo) do antagonismo energético, é substituída por uma estrutura ternária. Lupasco põe o conceito de energia no centro da sua meditação filosófica. Na física clássica, o papel central é atribuído à noção de "objeto", sendo que a noção de "energia" é derivada ou secundária. A física moderna relativista e quântica revirou de maneira radical essa hierarquia. A noção de objeto é substituída pela de acontecimento, de relação, de interconexão. O verdadeiro movimento é o da energia. Tudo está ligado no mundo.

Todo sistema implica a existência de um sistema antagonista, e disso resulta que dois sistemas quaisquer estarão ligados por uma cadeia de sistemas antagonistas.

O antagonismo energético é, portanto, uma visão da unidade do mundo: unidade dinâmica, unidade de encadeamento indefinido de contradições, fundada sobre uma estrutura ternária universal.

De fato, é melhor fazer como os pássaros do conto de Attar e entrar alegre no vale do espanto!

A lógica clássica baseia-se em três axiomas:

1. O axioma da identidade: $A \text{ é } A$.
2. O axioma da não-contradição: $A \text{ não é não-}A$.
3. O axioma do terceiro excluído: não existe um terceiro termo T (T de "terceiro incluído") que é ao mesmo tempo A e não-A.

Efetivamente, se ficarmos, em um mesmo nível de realidade, [a existência de um terceiro termo T que é ao mesmo tempo A e não-A] é impensável, mas o fato é que esquecemos de ver que esses dois axiomas [o 2º e o 3º] são [distintos], independentes um do outro. Mas, nós somos enfermeiras e como temos o hábito dos paradoxos, da complexidade da

natureza humana e da unidade dos contraditórios, nós podemos jogar, só para ver o que acontece.

Consideremos o termo A e vamos denominá-lo "Saúde":

Axioma da identidade - A é A: a saúde é a Saúde.

Axioma da não-contradição - A não é não-A: a Saúde não é a não-Saúde.

Terceiro incluído - A é ao mesmo tempo A e não-A: a saúde é, ao mesmo tempo, saúde e não-saúde.

Eu concordo que o salto quântico é um pouco complicado. Também concordo que podemos nos perguntar para que serve quebrar a cabeça desse modo. Proponho que entremos nas penas do pássaro que partiu em busca de seu Rei: para aquele que sabe, que possui o conhecimento, o caminho não será jamais muito dobrado ou desdobrado.

Stephane Lupasco define o estado T como um estado "nem atual, nem potencial". Com um pequeno esforço e acendendo a lâmpada do imaginário, podemos nos dizer calmamente: a partícula é, ao mesmo tempo, onda e corpúsculo. Nós somos feitos de partículas e é evidente: a saúde é, ao mesmo tempo, saúde e não-saúde. Se ficarmos no primeiro nível de realidade, isso será verdadeiramente chocante. É preciso compreender bem que, de acordo com o nível em que nos colocarmos, e com um pequeno esforço, poderemos dizer que a saúde pode ser também não-saúde. A primeira idéia que surge é a da afecção psiquiátrica. No plano corpuscular, a pessoa pode estar com boa saúde. No plano vibratório, a alma pode estar afetada, e isso pode não macular o primeiro nível. Se a saúde não pudesse ser também não-saúde, o que significaria a prevenção? Como qualificar o período de incubação, etc.

Se substituirmos a palavra saúde por doença, será a mesma coisa; temos aí muita matéria para reflexão. Mudemos então, e tomemos a palavra doença e, depois, experimentemos uma mais sutil como liberdade: podemos ser ao mesmo tempo livres e não livres? Eu penso que sim, pois o poeta encarcerado é livre em seu imaginário, em sua vibração criadora.

Quanto à palavra cuidado, que nos é tão cara, o conceito de Samu Social abriu um outro olhar sobre um cuidado global, em que vamos em direção às pessoas sem domicílio para criar um laço, sem obrigação de uma parte e de outra. Esse cuidado, que é um não-cuidado sendo também um cuidado, já é um cuidado quântico.

A lei de Três

Desde a noite dos tempos, o pensamento binário marcou a atividade do homem. No entanto, segundo a Tradição, a lei de Três é "a lei fundamental que cria todos os fenômenos em toda a sua diversidade ou a unidade de todos os universos". Trata-se da "Lei de Três", a lei dos Três Princípios ou das Três Forças. De acordo com essa lei, todo fenômeno é o resultado da combinação ou do encontro de três forças diferentes e opostas.

O próprio pensamento contemporâneo reconhece a existência de três forças e a necessidade delas para a produção de um fenômeno. A primeira força pode ser chamada ativa ou positiva; a segunda passiva ou negativa; a terceira, neutralizante. Essa terminologia falseia a compreensão, pois, realmente, essas três forças são também ativas, tanto uma como as outras; elas aparecem como ativa, passiva e neutralizante somente no momento em que entram em relação umas com as outras. Stephane Lupasco fala de "contradição antagonista". A oposição entre três princípios é uma verdadeira "contradição", no sentido filosófico do termo: qualquer coisa que, longe de se autodestruir, se constrói por luta antagonista. Apesar de ser possível considerar uma contradição entre dois termos, é praticamente impossível conceber uma contradição entre três termos. Dois entre três termos perdem, pela inclusão do terceiro termo, sua identidade própria. Nesse sentido, poderíamos compreender melhor a expressão: "terceiro incluído". Paradoxalmente, na lógica do "terceiro incluído", as noções de "verdade" e "falsidade", longe de perderem seu valor, ampliam-se consideravelmente, abarcando um número de fenômenos muito mais importantes do que os da lógica binária. Uma partícula quântica manifesta-se como onda e como partícula, isto é, por duas entidades contraditórias, antagonistas. Poderíamos usar

utilizar o termo "complementaridade antagonista", pois as propriedades das ondas e dos corpúsculos são mutuamente exclusivas.

Assim, em seu próprio nível de Realidade, a partícula quântica aparece como um terceiro termo, nem onda nem corpúsculo, mas que no nível macrofísico é capaz de se manifestar como onda ou como corpúsculo. Nesse sentido, ela se torna uma força conciliadora entre a onda e a partícula, mas, ao mesmo tempo, não sendo nem onda nem corpúsculo e se manifestando em um outro nível de realidade, ela está em evidente contradição com a onda e com o corpúsculo.

É preciso dizer que estamos aqui num discurso quântico; e que nos é mais fácil ir à Lua ou fotografar Marte, ao passo que a nossa própria constituição macrofísica não nos permite viajar livremente ao mundo quântico para ir "ver" o que aí acontece.

A Unidade na diversidade

Um princípio de não-separabilidade caracteriza o Universo: tudo depende de tudo, todas as coisas estão ligadas, não há nada separado. Os sistemas em diferentes escalas têm sua própria autonomia, a unidade na diversidade. A própria vida aparece, nesse universo de interdependência universal, não como um acidente, mas como uma necessidade e, de acordo com todas as possibilidades, reina no mundo uma lei de sustentação recíproca de tudo o que existe. E a nossa própria vida, evidentemente, também serve para sustentar algo de grande ou de pequeno no mundo.

O princípio do "bootstrap" foi formulado na física de partículas, por volta de 1960, pelo físico americano G. F. Chew. A própria palavra "Bootstrap" permanece intraduzível em francês [e em português]. Esta palavra, com efeito, no seu sentido próprio, significa cordão de sapato, e também implica em "levantar a si mesmo puxando seus próprios cordões dos sapatos". O universo está unido a si mesmo como o sapato está unido ao pé. A expressão mais próxima desta seria a de autoconsistência do universo. Segundo o bootstrap, a partícula quântica tem três papéis diferentes:

1. um papel de constituinte dos conjuntos compostos;
2. um papel de mediador da força responsável pela coesão do conjunto composto;
3. um papel de sistema composto.

No bootstrap, portanto, a parte aparece ao mesmo tempo que o Todo. Nessa teoria, a partícula perde sua noção de identidade, que é substituída pela noção de relação entre os acontecimentos. São as relações entre os acontecimentos que são responsáveis pela aparição do que chamamos partícula. Não há objeto em si, possuindo uma identidade própria que possa ser definida de uma maneira separada ou distinta da de outras partículas. Uma partícula é o que ela é porque todas as outras partículas existem ao mesmo tempo e em interação com todas as outras partículas. Haveria então, verdadeiramente, uma "lei de sustentação recíproca" de todas as partículas quânticas.

Desse modo, um sistema é o que é porque todos os outros sistemas existem ao mesmo tempo; a autoconsistência assegura a coerência do Todo. Poderíamos imaginar um princípio bootstrap que incluiria o mundo quântico, o mundo macrofísico, o Universo, a vida, a consciência, mas, no momento atual, isso não seria considerado científico. No entanto, seu interesse metodológico e epistemológico é considerável, pois se trata de um símbolo inesgotável da emergência de uma visão da unidade do mundo e que reúne todas as mais antigas tradições.

O "vazio quântico"

"Acreditando nos físicos, tudo o que nós tocamos é vazio. Somos efetivamente limitados por nossas estruturas e projetamos no mundo nossas próprias limitações: nosso sistema nervoso nos faz apreender este mundo de um modo que depende de sua própria estrutura. Com os trabalhos de Benveniste, vimos que, se esse vazio quântico não possui massa, possui em contrapartida uma memória. É desse modo que o traço de um acontecimento

pode permanecer nesse espaço vazio de matéria mas pleno de energia" H. Laborit (extraído do Seminário de Lugano).

O vazio quântico não tem verdadeiramente nada a ver com o vazio da linguagem familiar. Quando se estuda uma região cada vez menor do espaço, descobre-se uma atividade cada vez maior, sinal de um perpétuo movimento. A chave da compreensão dessa situação paradoxal é fornecida pelo princípio de incerteza de Heisenberg. Uma região do espaço bem pequena corresponde, por definição, a um tempo muito curto e, portanto, de acordo com esse princípio, a um espectro muito amplo de energia. Assim, as "flutuações quânticas" do vazio determinam a aparição repentina de pares de partículas-antipartículas "virtuais" que, em seguida, aniquilam-se reciprocamente, esse processo acontecendo em intervalos muito curtos de tempo. Tudo é vibração: segundo a física quântica, não se pode conceber um só ponto do mundo que seja inerte, imóvel, não habitado pelo movimento.

Na escala quântica, o vazio é pleno, ele é a sede dessas criações e aniquilações espontâneas das partículas. As partículas quânticas têm uma certa massa e, portanto, segundo a teoria da relatividade, elas têm necessidade de alguma energia para se materializar. Fornecendo energia do vazio quântico, pode-se ajudá-las a materializar suas potencialidades. É exatamente o papel dos aceleradores de partículas. É bem espantoso que para produzir o "visível" no "invisível", para detectar ínfimas partículas, precisa-se construir imensos aceleradores.

O vazio-pleno quântico é uma maravilhosa faceta da Realidade. Os quanta, as vibrações, sejam reais ou virtuais, estão por toda parte. O vazio é pleno de vibrações. Ele contém potencialmente toda a Realidade, todas as partículas, sejam elas já observadas ou não. O Universo inteiro pode ter sido tirado do nada por uma "gigantesca flutuação do vazio, que conhecemos hoje sob o nome de "big-bang"". Nós também somos, nesse sentido, participantes de uma Realidade que nos engloba: nós, nossas partículas e nosso Universo.

O progresso extraordinário da física, nestas últimas décadas, trazendo a idéia de unidade e de unificação, permitiu a emergência de idéias com um caráter completamente novo, que Basarab Nicolescu chama de "idéias símbolos". Ele apresenta essas idéias-símbolos, tais como o bootstrap ou a unificação de todas as interações das partículas, como possuindo todas as características de um símbolo, mesmo que a passagem do plano científico para o plano simbólico ou vice versa, leve a acepções parciais, estendidas ou reduzidas, de sua formulação geral. Isso, diz ele, explica porque existem várias formulações das teorias de unificação. Uma teoria fundada sobre uma idéia-símbolo é aberta por definição, devido à potência do caráter de permanência universal do símbolo. Uma tal teoria aberta pode, desse modo, aceitar uma evolução de sua formulação ou de sua modelização no tempo, sem por isso mudar de sentido.

A aparição dessas idéias símbolos no campo da ciência corresponde, para Basarab Nicolescu, a uma verdadeira revolução conceitual que pode permitir uma reaproximação entre Ciência e Tradição e a abertura para um diálogo, atualmente mais necessário do que nunca. Sua descoberta, na física quântica e em outras disciplinas, assim como a interpretação de algumas descobertas científicas maiores, pode abrir um fabuloso espaço de liberdade, de diálogo entre passado e presente, entre a ciência, as filosofias da Natureza, a arte, a Tradição e todas as formas de conhecimento. Pode-se dizer que o caráter de universalidade de uma idéia-símbolo faz dela um instrumento transdisciplinar notável.

"Eu tentei, em meu livro Dieu ne joue pas aux dés [Deus não joga dados], colocar os homens entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande, falando do que as cosmologias atuais nos informaram e do que podemos compreender sobre esse assunto, graças às teorias da organização da matéria do ponto de vista da física de partículas. Com efeito, é interessante constatar que a física contemporânea ampliou terrivelmente nossa visão sobre o horizonte cósmico - toda a cosmologia moderna vem da física das partículas - e talvez ela possa igualmente fornecer elementos fundamentais à biologia" (Henri Laborit).

Nós não percorremos, certamente, toda a nova física, mas já podemos compreender o

papel que a transdisciplinaridade pode desempenhar nesse jogo de reunião de antagonistas, de contrários, de descoberta das variáveis atualizadas, escondidas, potencializadas; nesse jogo da vida, onde tudo está em interação com tudo, em que cada partícula é informada instantaneamente, independentemente do espaço e do tempo, do que são as outras partículas, onde o todo é diferente da soma das partes; esse jogo em que não há caos, mas uma ordem implicada em perpétuo movimento. Acrescentemos a isso, que nós somos feitos dessas partículas, que nós fazemos, intrinsecamente, parte desse Universo.

A unidade exprime-se na complexidade, todas as coisas sendo, ao mesmo tempo, unas e únicas na multiplicidade: unicidade de cada parte, de cada grão de areia, de cada gota d'água, de cada ser. Enquanto essa complexidade está ligada à globalidade, a ordem da natureza é respeitada e existe harmonia entre os diferentes aspectos ou graus da realidade. Mas a visão causal, separando o sujeito do objeto e o homem da natureza, engendrou uma complexidade linear, que não é mais transcendida por uma verticalidade e afunda-se numa realidade causal destrutiva. "O pensamento transdisciplinar registra esse estado, ele intervém para regenerar uma realidade moribunda, reintegrando à linearidade as energias simbólicas e reais da verticalidade. Ele restitui, portanto, o homem à natureza, religando-o ao mesmo tempo à unidade e à diversidade do Todo, restituindo ao ser e aos seus valores humanos e metafísicos o lugar dominante que lhes cabe" B. Nicolescu. Podemos perguntar: Mas o que vamos fazer com tudo isso? Citemos Lupasco: "Para que o átomo exista é preciso que haja, ao mesmo tempo, atração e repulsão dos constituintes do átomo, ou seja, do núcleo e dos elétrons. Dá-se o mesmo numa molécula, nas células vivas do organismo, nos tecidos, etc. Há uma luta permanente entre a heterogeneidade vital e a homogeneidade física. A idéia de consciência é importante porque surge no sistema neuropsíquico a "consciência da consciência" ou o "conhecimento do conhecimento".

A revolução quântica nos obriga a não permanecermos fixados numa visão linear. O mérito do pensamento transdisciplinar é o de residir num imaginário ativo, de interrogar sem fim os níveis de realidade e de reintroduzir uma ciência do ser na ciência do conhecer. Uma só natureza, uma só humanidade e um só Conhecimento comum.

Esse pensamento transdisciplinar que fala da relação do homem com a natureza e com o universo, que religa ao Todo e deixa abertas todas as portas, me parece convir a todos os profissionais do cuidar, em todas as suas dimensões. Eu sonho com um novo conceito de cuidar que integraria as dinâmicas antagonistas, descobriria os terceiros incluídos, os bootstrap...

Poderíamos inventariar os saltos quânticos como os do pássaro sobre o galho, as mini revoluções como amores à primeira vista, onde tudo é diferente de um instante para o outro. Tomemos, por exemplo, a revolução do material descartável. É evidente que o conceito de descartável modificou consideravelmente os múltiplos níveis de percepção da assepsia, tanto no plano hospitalar como extra-hospitalar, em todos os profissionais, mas também em todas as coletividades, e até mesmo nos lares privados.

Hoje, não podemos imaginar essa passagem, em tempo recorde, para o fim dos recipientes de compressas a serem dobradas e das horas de esterilização a serem planejadas, para o tempo ou espaço ganho para... É verdade, o que responder à questão: para que serviu esse tempo ganho? Como foram transformados os conceitos de limpo e de sujo e sob quais conseqüências? Seria importante avaliar os elementos positivos desse "acontecimento súbito", mas também pesquisar os comportamentos adquiridos e os valores perdidos da situação anterior, a fim de antecipar sua falta e reintegrá-los sob outra forma, se for conveniente.

O tempo da doença cria seu próprio espaço, o espaço da doença cria seu próprio tempo. Todo acontecimento age como um "bootstrap", nada é banal no vivente, cada instante é único, cuja memória pode despertar, não se sabe quando e nem por que, esse efeito de retorno. Não temos a necessidade de nos tornarmos especialistas em quanta para abrir um canteiro de construção de um modelo-conceito universal de saúde e de cuidado transdisciplinar.

A transdisciplinaridade propõe que se passe além e através das disciplinas, que se conserve os traços dessa travessia e que se faça dessa memória dos traços um fio imaginal para desafiar o princípio que quer que o observador modifique a observação. Nós fazemos parte do universo, e na falta do olho que pode ver o invisível, nós temos a consciência e a inteligência do olhar para desenhar os seus contornos.

Creio que essa abordagem transdisciplinar poderia também nos ajudar a formular uma cultura de cuidados além e através das técnicas, dos protocolos, dos dossiês... Poderíamos ir, então, rumo a um processo de transmissão ao paciente de nosso saber de enfermeiros. A educação do paciente poderia tornar-se um cuidado por inteiro, e ensinar-lhe os gestos da enfermagem não seria anódino; imaginem no que esses cuidados poderiam se tornar, resultando na "primeira arte da vida". Mas eu tenho confiança, não houve colóquios ou encontros em que eu não ficasse surpresa, maravilhada, com essa profissão. É realmente um privilégio dirigir-me aos seres, escutá-los e crescermos juntos.

O olhar transdisciplinar já é visível. Eu estive nas jornadas do SIDIIEF, em Montpellier, em maio último, e escolhi dois depoimentos dentre as enfermeiras que pude entrevistar. A atitude é transdisciplinar, não podemos duvidar! Entre vocês estão todas aquelas que não conhecemos e que inventam, inovam. Seria necessário escutar vocês, reunir todas as experiências, todos os seus olhares voltados para a evolução da profissão, para ver emergir um conceito de cuidado transdisciplinar que daria conta das aquisições extraordinárias desse último século, e do imenso potencial de cuidado implicado nessa soma de experiências. Sendo o mundo o que é, sem dúvida a educação e a informação sobre os cuidados de Saúde representará uma prioridade político-econômica-social do futuro. As enfermeiras terão um lugar de primeiro plano, se elas quiserem. A mutação está em curso, rumo a uma outra visão ética e social. O mito da civilização dos lazeres se afasta, o mundo do trabalho se transforma, a solidariedade social busca um novo alento, tantos modelos antigos tornam-se obsoletos e, no entanto, o humano permanece e os valores do vivente devem ser protegidos das tentações do Mercado. Mais do que nunca, a profissão de Enfermagem deve comportar-se como guardiã e garantia desses valores do vivente. Essa poderia ser a finalidade dessa construção de um modelo transdisciplinar de saúde.

Depoimentos:

Gualberte Mengue-Ba-Nna, Fondation Jeanne Ebori - Libreville - Gabão

Certamente, nós temos dificuldades; trata-se também de uma questão de determinação e de vontade. Mesmo com poucos recursos, pode-se sempre fazer alguma coisa para melhorar a qualidade dos cuidados. A assepsia, por exemplo, lavar as mãos é um gesto sempre possível, sempre temos sabão e água, fazemos o possível com o que temos no local. O importante é lavar as mãos, antes e depois de cada cuidado.

O que é essencial é a tomada de consciência. Não estamos voltados para a rotina e para o deixar acontecer, nós queremos convencer as pessoas que cuidam que o que elas aprenderam na escola é bom quando podemos fazer como nos foi ensinado. Mas, no campo, devemos responder à demanda de cuidados tal como ela é, e aceitar fazer o melhor com esses recursos; é um desafio à altura dessa profissão. Não se deve esperar que o governo realize proezas, deve-se começar pelas pequenas coisas. Nós estamos muito fixadas no cuidado delegado, no respeito e no medo do médico, o que faz com que nós tenhamos dificuldade em atrair as colegas para nossa proposta. A aprendizagem na escola é, em primeiro lugar, a execução da prescrição médica e a incumbência de medicar o paciente; porque em nosso país, as enfermeiras do estado podem ser chefes de centro, que são considerados pela população como médicos. Eles são obrigados a levar em conta todas as patologias que chegam, pondo de lado o seu próprio papel.

O que nós queremos, em nossa associação, é dizer às enfermeiras que essa profissão é nobre, que não temos que nos marginalizar e que a profissão médica e a profissão de enfermagem se completam. O médico está lá para o diagnóstico e tratamento da doença e a enfermeira está lá para encarregar-se dos cuidados da pessoa em sua globalidade. A medicina, no Gabão, apresenta duas abordagens que deveriam ser compatíveis e

convergentes. O humano não pode e não deve cortar-se de suas raízes, nem se destacar de sua cultura, nem renegar suas tradições. A medicina científica está em plena evolução, e nós estamos num sistema que a torna prioritária, mas, diante dos fatos, ela é dificilmente acessível, pois tremendamente custosa. No entanto, nós temos uma medicina tradicional, e nós mesmas enquanto africanas a respeitamos, mesmo que tenhamos sido formadas e acreditamos também na medicina moderna. Nós fomos criadas nessa tradição, ela nos foi transmitida a partir do ventre de nossas mães. Nós vivemos nessa cultura e as enfermeiras sabem que algumas patologias são bem tratadas pelos práticos tradicionais. Como estabelecer uma relação entre essas duas abordagens? Nós temos um real problema: no Gabão muitas pessoas são pobres, os medicamentos são caros, o custo da hospitalização é muito alto, e tudo isso acrescido pela insegurança gerada pela separação do ambiente familiar. Além disso, existem outras coisas envolvidas: o governo não se opõe à medicina tradicional, mas ele age com prudência, pois tudo é comercializado e torna-se cada vez mais difícil distinguir os verdadeiros práticos tradicionais dos falsos! O ideal seria abrir escolas de práticas tradicionais e, por que não, com enfermeiras formadas em práticas tradicionais, que teriam a dupla formação e que acrescentariam ao desafio dos cuidados uma maior humanidade!".

Comunicar já é "cuidar dos riscos de violência"

Gabrielle Buscarlet e a Sra. Michiels relatam sua experiência na Clínica Universitária St. Luc de Bruxelas, num serviço ORL Oncologia. Após uma remoção, duas clientelas, que não deveriam partilhar o mesmo serviço, foram postas justas: uma privilegiada e a outra, de preferência, desfavorizada, muitas vezes em privação de álcool ou de tabaco. Elas constataram, com surpresa e com uma certa cólera, o clima de violência que se instalou. Os mais ricos, habituados a serem servidos, faziam exigências como se estivessem num palácio, tudo lhes era devido. Mas o pior foi que elas observaram comportamentos e propósitos violentos, desrespeitosos, agressivos e racistas por parte destes pacientes contra os pacientes mais desfavorizados. Elas ficaram chocadas e sentiram-se desarmadas. A equipe reuniu-se para analisar a situação e descobriu, com surpresa, que essa manifestação de violência no serviço representava a ponta da parte visível do iceberg. Elas descobriram sob as aparências, em sua própria prática cotidiana, um mundo de violência até então insuspeitada. Isso foi, disseram elas, um benefício quase terapêutico!

Bibliografia:

- NICOLESCU, Basarab - Nous la particule et le monde, Ed. Le Mail, 1985.
- La transdisciplinarité, Manifeste, Ed. du Rocher, 1996.
LUPASCO, Stephane - L'homme et son oeuvre, dir. Basarab Nicolescu, ed. du Rocher, 1999.
SHELDRAKE, Rupert - L'Âme de la nature, Ed. du Rocher, 1992.
RANDON, Michel - La pensée transdisciplinaire et le Réel, Ed. Dervy, 1996.
KLEIN, Etienne - L'unité de la physique, PUF, 2000.
LABORIT, Henri - Dieu ne joue pas aux dés, Ed. Grasset, 1987.